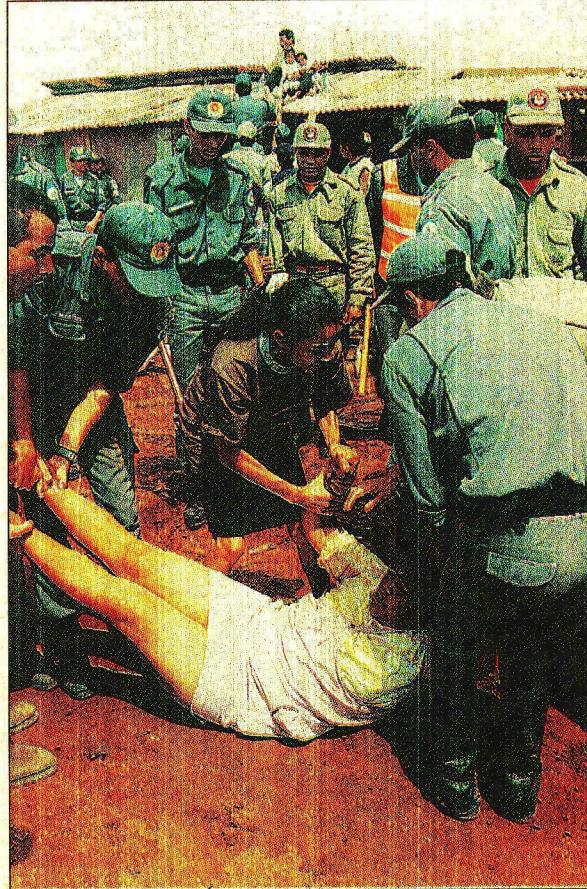
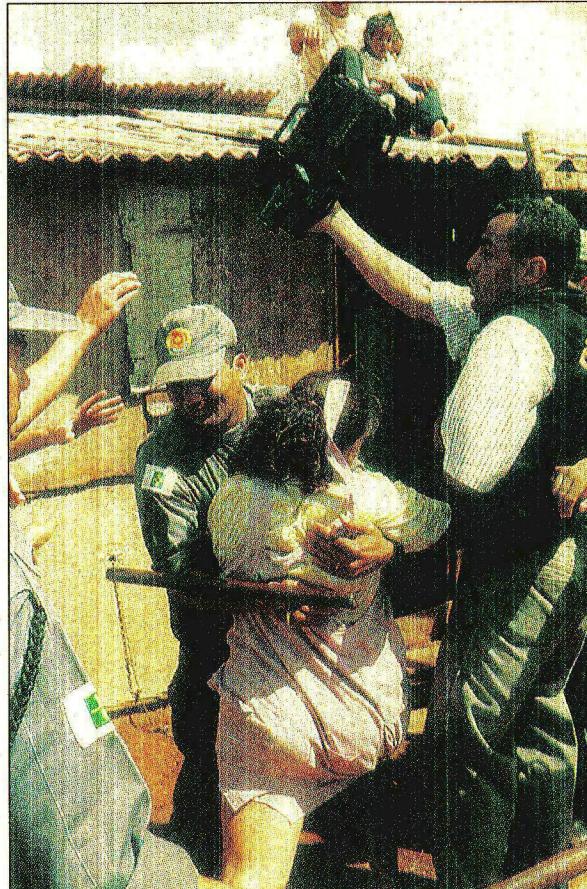


*DF - Invasões*

**Fiscais do governo coordenam derrubada de 250 barracos de invasão em Samambaia. Não restou telha sobre telha**



Cenas do desespero: tentando impedir que seu barraco fosse derrubado, a dona de casa Elvia Maria Pontes, 20 anos, partiu para o confronto com os policiais. Sem resultado. Agarrada e arrastada para fora de casa, acabou sendo presa

Marcelo Abreu  
Da equipe do Correio

**C**enário de guerra. Trator invadindo tudo e demolindo o que encontrava pela frente. Correria, gente gritando e esperneando, na tentativa de salvar o que podia. No final, escombros, fumaça, restos de madeira espalhados pelo chão, mulher chorando com filho no colo. Miséria e desolação. Hora de juntar o pouco que sobrou. Revolta, xingamento, insulto, confronto físico. Prisão.

Foi assim a derrubada dos 250 barracos da invasão de uma creche da Fundação do Serviço Social (FSS), na quadra 301 de Samambaia. A operação foi coordenada por fiscais da Administração Regional e Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo), com apoio da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros.

Por volta das 10h15 de ontem, começou a derrubada dos barracos. Num clima tenso, os moradores montaram resistência. Desde cedo, mantiveram-se a postos esperando os fiscais. Muita gente deixou de trabalhar para tentar impedir que seu barraco fosse demolido.

Em vão. Oito caminhões, um trator, 50 funcionários encarregados de derrubar um a um os barracos só aguardaram a liberação dos superiores. Ordem dada, missão cumprida.

De longe, armados com revólveres e cacetetes, cerca de 350 homens do 2º Comando de Policiamento de Taguatinga cercaram a área e trataram de acalmar os ânimos mais alterados. Assistindo a tudo, de uma distância razoável, o responsável pela operação militar, coronel Jair de Sá Albuquerque, não se cansava de repetir: "Estamos aqui para preservar a segurança e integridade física das pessoas".

#### GRÁVIDA

A poucos metros dali, a dona de casa Elvia Maria Viana Pontes, 20 anos, tentava impedir que seu barraco fosse demolido pelos fiscais. Grávida de três meses, Elvia chorava e implorava para que não mexessem nas suas coisas. Nervosa, agrediu os policiais. Acabou presa, depois de ter sido arrastada por alguns metros para fora do seu barraco.

Enquanto isso, o irmão dela, o ajudante de pedreiro desempregado José Aldir, 28, agarrou-se aos dois filhos e subiu no telhado do barraco. "Se é para morrer, que me matem com os meus dois filhos", gritava José. O trator se aproximava do seu barraco.

Os amigos de invasão lhe imploravam que descesse. Policiais militares interviveram. Nada. José estava irredutível. "Invadi porque não tenho onde morar. Se tivesse, não estaria aqui", gritava. O trator se aproximava. O barraco ao lado do de José já ardia em fogo. Depois de derrubados, os próprios invasores in-

rante as seis horas em que os fiscais e tratores derrubaram os barracos, ela andava de um lado para o outro. Inquieta, dizia-se arrependida por "ter votado no PT e feito campanha para Cristovam".

Desiludido, atacou: "Moço, fui uma militante do PT. Tive até aula de socialismo para entender a proposta deles. E hoje olha o que vejo. Cadê a política habitacional que eles prometeram?".

#### REINÍCIO

Trégua para almoço. Às 14h, os fiscais da administração e funcionários do Siv-Solo recomeçaram as atividades. A Polícia Militar pediu reforço da tropa de choque. Vieram mais homens e soldados da polícia montada. Os 200 barracos do lado de fora da creche já haviam sido derrubados. No chão, cinzas e restos de madeira. Mas faltavam ainda os 150 barracos da parte de dentro.

A confusão estava por vir. A essa altura, os invasores estavam dispostos a tudo. "Até mesmo a morrer. O que pode ser melhor do que não ter onde morar", esbravejava Maria Aparecida Figueiroa, 41 anos.

Quando os fiscais tentaram derrubar o barraco onde morava sua filha, a briga foi feia. Com um pedaço de madeira na mão, Maria ameaçava qualquer um que ousasse entrar no seu barraco. "Aqui ninguém coloca o pé", garantia Maria.

O comandante da Companhia de Vigilância do Solo, major Volnei, interveio. Pediu para que Maria colaborasse com os fiscais. Intransigente, Maria não atendeu ao apelo do comandante. Os fiscais invadiram o seu barraco. Aos gritos, ela revidou. Começou o confronto físico. Maria e filha, depois de se digladiarem com os policiais, foram colocadas dentro de um camburão.

Revoltados, os invasores vaiaram os soldados. Em coro, gritavam: "Vão prender bandidos, aqui só tem pai e mãe de família, seus assassinos". No final do dia, oito pessoas foram presas por oferecer resistência à derrubada. Todas foram encaminhadas a 16ª Delegacia de Polícia (Samambaia).

Dos 150 barracos de dentro da creche, a metade foi derrubada. Hoje, a operação continua. Além da invasão da Samambaia, os cerca de 20 barracos de lona e plástico que fazem parte da invasão do Areal, em Taguatinga, também serão demolidos. Os invasores chegaram na área há menos de 15 dias.

"É bom que se entenda que esse governo não permitirá novas invasões em terras públicas, nem de risco nem da população de baixa renda. O que está aí é uma consequência penosa do governo Roriz, que ignorou a lista da Shis e distribuiu lotes sem nenhum critério", acusa Alexandra Reschke, presidente do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab).

■ Continua na página 2

# GUERRA AOS SEM-TETO

Fotos: Wanderlei Pozzembom



O pedreiro desempregado José Aldir carregou os filhos para o teto do barraco tentando resistir à ação dos policiais: "Invadi porque não tenho onde morar"

cendiavam os destroços.

Botijões de gás se espalhavam por toda a invasão. "Se pegar fogo num deles, não sei o que pode acontecer aqui", comentou, apavorado, um bombeiro.

De repente, uma mulher subiu as escadas que levavam para cima do barraco e pediu: "Zé, desce daí, a gente vai invadir outro lugar". Em lágrimas, José entregou os dois filhos para um soldado e em seguida desceu.

Segundos depois, o trator derrubou o barraco de José. Uma cama quebrada, um colchão surrado e duas panelas velhas foi o que deu para salvar antes da demolição. Como criança, sentado em cima da cama quebrada e agarrado aos filhos, José chorou copiosamente.

#### PALAVRA DE DEUS

Depois que o trator acabou de derrubar todos os 200 barracos que

ficavam do lado de fora da creche, foi hora de contar o resto do pouco que sobrou. Com a Bíblia na mão, o evangélico Gerônimo Cândido, 35 anos, não acreditava que tivessem tido coragem de derrubar o templo em que pregava o evangelho todos os dias para os colegas invasores.

Fundador da igreja Ministério Nova Jerusalém, Gerônimo esperneou: "Será que vão queimar a pala-

va de Deus", disse, referindo-se à Bíblia. Trator ateou não deu muita importância para os mandamentos divinos. Em segundos, numa só avançada, destruiu o barraco onde funcionava a igreja. Restaram a Bíblia e um banco. Gerônimo revoltou-se. "Hão de arder todos no inferno", praguejou.

Consolando o seu amigo evangélico, estava a dona de casa Ivone Rodrigues Moura Castro, 34 anos. Du-